

A vida do espírito no projeto educativo*

Florent Pasquier
entrevistado por
Gabriela Valente

119

Gabriela Valente – Deparei-me com o seu trabalho sobre ciência e espiritualidade, uma abordagem que não vemos em nenhum outro lugar. Como consegue trabalhar com esse assunto numa sociedade em que a laicidade é forte e justamente na universidade, o centro legítimo e o espaço do monopólio do conhecimento?

Florent Pasquier – O que você disse se refere, efetivamente, a como falar sobre o espiritual ou a espiritualidade em relação aos processos de ensino. Na França, por um lado, temos a lei de 1905 sobre a laicidade e a separação entre Igreja e Estado; por outro lado, no ensino superior, na universidade, a questão é um tanto tabu. Vou tentar dar uma resposta em alguns eixos e, depois, veremos. Em relação à França e à questão da laicidade, o grande problema é a confusão entre religião e espiritualidade. Ou seja, a maioria das pessoas foi educada num dogma ou numa orientação. As principais religiões na França são: cristianismo, islamismo, protestantismo, budismo, judaísmo e, depois, as religiões alternativas. E há muitos ateus e não crentes, mais de 40%.

Por existir uma confusão entre religião e espiritualidade, se abordarmos a questão do espiritual, isso pode ser considerado como se não estivéssemos respeitando a laicidade. E é por isso que em todas as escolas francesas se

* Entrevista traduzida por Gabriela Valente. Tradução revista por Rosa dos Anjos Oliveira.

encontra algo chamado *Charte de la laïcité*,¹ que explica, em 15 pontos, o que significa respeitar a laicidade num lugar público. Por exemplo, a interdição de usar roupas ou acessórios ostentativos, ou seja, mostrar, quase impondo – é assim que deve ser entendido –, o fato de se ser portador de uma ideologia, de uma crença, que teria a ambição de subjugar os outros ou de os forçar a segui-la.

No serviço público, deve haver uma ausência de visibilidade [da crença religiosa] para funcionários, professores, prestadores de cuidados de saúde etc. Contudo, acredito que há uma tolerância, é possível utilizar um crucifixo pequeno... Porém, normalmente, se não me engano, é realmente a invisibilidade. Não vou entrar em detalhes, mas é apenas para mostrar que é uma questão forte, que magoa algumas pessoas, porque existe essa confusão entre espiritualidade e religião.

Gabriela Valente – Poderia nos dar uma definição de espiritualidade e religião? Qual é a diferença?

Florent Pasquier – É muito simples, a espiritualidade seria a vida do espírito e o espírito seria o sentimento do que está para além de mim. Essa é uma definição muito pessoal, que tem a vantagem de ser bastante consensual. É difícil negar que não se tenha uma vida da mente. Não estou questionando se temos um espírito, mas uma vida do espírito, ou seja, algo que nos anima. Nisso, *a priori*, estamos de acordo. Nessa orientação, algo que me ultrapassa ou que é maior do que eu, então é um sentimento. Portanto, não é um dogma, uma crença ou qualquer outra coisa. E o que me ultrapassa é algo que é uma aspiração a ser maior, ser melhor, ser, talvez, mais generoso, mais humano.

Gabriela Valente – Mas essa espiritualidade não é universal.

Florent Pasquier – Então, justamente, para torná-la universal... mas, é necessário que seja universal? Para saber, fiz uma pesquisa que está no livro *Réinvestir l'humain (Reinvestir no humano)*.² Trata-se de encontrar o ponto comum da humanidade. Qual é ele? Também aqui há muitas respostas, mas tentamos dar uma dimensão universal, considerar o gênero humano como uma entidade global, universal. E a resposta que eu e alguns colegas propomos, mas que pode ser criticada, e volto ao caso francês, seriam os valores humanistas. Não precisamos ir muito longe para encontrá-los, porque os vemos em todos os edifícios oficiais franceses: liberdade, igualdade e fraternidade. Esses são três valores humanistas que, normalmente, deveriam ter força de lei e que, contudo, são desprezados diariamente, inclusive pelas próprias instituições.

¹ France. Ministère de l'Éducation (2013).

² Mattei, Buffeteau, Valabregue, Dhers e Pasquier (2017).

Na França, estamos num modelo republicano assimilador, porque o ponto de vista é a assimilação, em oposição ao modelo anglo-saxônico, que se baseia mais no comunitarismo. Aqui, na França, somos todos obrigados a aderir a estes três valores: liberdade, igualdade e fraternidade. E podemos ver que esse não é o caso. Por isso, estou fazendo esse trabalho, para tentar tornar esses valores vivos e reais, e não apenas escritos num pedaço de papel.

Gabriela Valente – E a espiritualidade, onde ela está nesse caso?

Florent Pasquier – A espiritualidade está nestes três valores: liberdade, igualdade, fraternidade, os quais, para mim, são espirituais. Há muitos outros, mas, se falarmos apenas desses e pedirem para escolhermos um, sugiro a fraternidade, que, além de interessante, é o valor mais mal compreendido e o que é menos aplicado (risos). Assim, para o caso francês, poderíamos partir daí e concordar que é também um ponto de entrada a ser investigado em outras culturas, porque provavelmente entendem a questão da fraternidade, de outras formas ou não, como a mais importante. No quadro da laicidade, a espiritualidade pode ser trazida por meio dos valores humanistas.

Gabriela Valente – Certo. Seus argumentos são aceitos e reconhecidos?

Florent Pasquier – Este é o segundo aspecto principal, como a instituição apoia ou não reconhece. Aqui temos um paradoxo. Em 2016, na Bélgica, foi realizado o *Congrès d'Actualité de la Recherche en Éducation et Formation* (Aref), no qual apresentei uma comunicação³ sobre o lugar do espiritual nos currículos. Fui muito criticado, porque os colegas estavam confusos no que diziam. Usaram a palavra “religião” em vez da palavra “espiritual” e, por isso, criticaram-me por não respeitar a separação entre Igreja e Estado de 1905, o que é muito claro para mim. A laicidade francesa é o direito e a liberdade de ter ou não uma opinião religiosa e de respeitar as opiniões dos outros. Não poderia ser mais simples. E existe um problema: as pessoas que visam ao comunitarismo usam a questão da religião e, logo, do espiritual para impedir que a convivência e o “bem viver” ganhem vida. O meu projeto global é o “bem viver” de Atawallpa Oviedo Freire.⁴ Com algumas diferenças, porque a sociedade muda. Agora, veja as revistas nas bancas, o viver bem, a meditação, o bem-estar, a consciência plena, os livros, os programas, os CDs. Há cada vez mais, cada vez mais, cada vez mais. Portanto, a sociedade civil está pronta, mas a instituição acadêmica, como estrutura, não fez a mudança. Na França, podemos encontrar indivíduos, professores-pesquisadores como eu, e, nas sociedades estrangeiras, ainda mais.

³ Pasquier (2016b).

⁴ Oviedo Freire (2019).

Na França, somos poucos ainda, visto que muitos têm medo de o dizer. No entanto, há inspetores da educação nacional, inspetores gerais da educação nacional... Posso citar dois deles: Abdennour Bidar, um inspetor de Filosofia que escreveu muitos livros sobre a noção de tecelagem em conjunto, os tecelões etc., e é muito atuante na questão da "espiritualidade laica".⁵ Há alguns anos, lançou uma petição para um *coming out* espiritual. O outro é Christophe Marsollier, que trata sobre questões transversais⁶ e escreveu um livro que aborda a questão de amar na educação,⁷ por exemplo. Portanto, são pessoas que realmente fizeram algo e são altos funcionários públicos franceses ligados ao sistema nacional de ensino. Além disso, o Canopé,⁸ que é um sistema de ensino a distância para professores, tem pelo menos dois cursos de treinamento de consciência plena, para que possam ser aplicados nas escolas.

Gabriela Valente – Mas, então, esses cursos não mobilizam a espiritualidade?

Florent Pasquier – Não. Você tem razão. Por isso, preciso reformular a sua pergunta...

Se eu realmente quero chegar ao cerne da questão entre o espiritual e educacional, devo retomar aquilo que você me perguntou: o que é o espiritual? Eu disse que é a vida do espírito, a qual pode tomar mil formas no meu grupo de pesquisa, "educação e espiritualidade", que já não funciona mais, porque era parainstitucional.⁹

122

Gabriela Valente – Para além desse tipo de formação (Canopé), como a formação de professores se realiza em relação à espiritualidade?

Florent Pasquier – Atualmente, não há nada, exceto cursos que levam em conta certos aspectos da religião (como "História das Artes" ou "Literatura"), mas raramente existe uma ligação com a questão do espiritual.

Gabriela Valente – Na sua opinião, que adaptações são necessárias (e possíveis) para uma educação que tenha em consideração a espiritualidade?

Florent Pasquier – Continuar a partir da questão do religioso (na Arte, na Literatura, na Arquitetura...) até a questão do espiritual, para perceber que esta vai além e que inclui o religioso. No *blog Educação e Espiritualidade*,¹⁰ dizemos que a espiritualidade é um diamante com mil facetas. Há quatro anos trabalhamos

⁵ Bidar (2021).

⁶ Marsollier (2020).

⁷ Marsollier (2021).

⁸ Canopé é uma instituição associada ao Ministério da Educação que propõe diferentes tipos de formação para os docentes. [Nota da tradutora].

⁹ Pasquier (2016c).

¹⁰ Pasquier (2016a).

nessa matéria e, de fato, todos temos diferentes definições e propostas para dar vida ao espiritual. Não se trata de ensinar o espiritual, isso é um disparate. Nesse caso, o educador, o professor, tem realmente que estar vivo, ser um portador vivo dessa espiritualidade e, além disso, ser laico. Entretanto, esse é um projeto que não interessa necessariamente a todos.

Gabriela Valente – Há pessoas para quem a espiritualidade não tem lugar, especialmente na França, onde temos uma grande maioria de não crentes. Na sua opinião, deveria haver cursos de formação para professores a fim de que possam trabalhar a sua espiritualidade?

Florent Pasquier – No meu artigo “O lugar do espiritual nos currículos”,¹¹ percebe-se que a espiritualidade como objeto de pesquisa existe em quase todas as disciplinas, exceto na Pedagogia (risos). Assim, você pode estudá-la na Sociologia, na História e na Geografia. Pierre Weil,¹² um francês que viveu em Brasília, onde fundou a Universidade Internacional da Paz (Unipaz), dizia que há duas maneiras de fazer isso: ou se ensina o espiritual e depois ele se torna um objeto morto, externo, e é tão interessante quanto ensinar Biologia ou Geografia – e por que não? – mas, nesse caso, ele viria para além das religiões; ou se vive o espiritual, e essa é a abordagem que mais me interessa. Antes de você chegar, mostrei uma espécie de meditação guiada baseada na sofrologia [técnica de relaxamento fundamentada na ioga] para reduzir a ansiedade e o estresse (coerência cardíaca) durante cinco minutos. Não é sequer espiritual, mas é a vida da mente. Isso é uma forma de encontrar momentos no cotidiano da sala de aula, no processo de ensino, que promovam a vida da mente.

123

Gabriela Valente – A meditação é um recurso?

Florent Pasquier – Sim. Também poderia ser a ioga, um círculo de conversa filosófica...

Gabriela Valente – Por que filosofar também é uma forma de fazer a mente viver?

Florent Pasquier – É exatamente isso. É o espírito que tem de inspirar a elaboração do curso. É essa a minha abordagem. Mas isso depende do nível de consciência do professor. Na França, o corpo docente é de 900 mil pessoas; porém, é impossível que haja 900 mil pessoas com essa consciência, porque muitas delas estão sofrendo, estão com dificuldades etc. Então, provavelmente, promover a vida da mente poderia ser uma mistura entre filosofia e meditação. Não estar interessado na espiritualidade como objeto de estudo e dizer que o passo seguinte é viver de forma espiritual o momento do ensino, é aí que

¹¹ Será publicado no livro *Éducation et spiritualité*, que dará continuidade ao dossiê “Éducation(s) et spiritualité(s): conceptualisation, problématisation, applications” (Briançon; Pasquier; Hagège, 2020).

¹² Weil (2002).

entram os valores humanos. Isso significa que temos de mudar o nosso projeto educacional.

Gabriela Valente – Certo. Sim, temos de pôr menos peso na laicidade?

Florent Pasquier – Ah, não! Pelo contrário, devemos proteger e reforçar a laicidade, porque ela é a garantia que nos permite fazer o que queremos, desde que respeitemos os outros. Se abolirmos a laicidade, se devolvermos o poder às religiões, às pessoas religiosas, esqueceremos imediatamente o espiritual, não haverá nenhum. Basta apenas aplicar a laicidade. O quadro de 1905, que foi reformulado em 2004 e 2015, especialmente com a *Charte de la laïcité*, é suficiente para conter todos os excessos estúpidos que são, de fato, tentativas de manipulação política e partidária. O quadro atual é capaz de dizer de imediato o que é apropriado e o que não é [...]. Por que existem essas questões? Porque não explicamos a diferença, porque o diferente é o outro, é a alteridade, é o desconhecido, é o medo, e o medo é a agressão. Quanto mais conheço o outro, mais o compreendo, mais vejo quais são as suas crenças, quais são os seus padrões de pensamento, mais o aceito, mais me integro e mais vivemos juntos e chegamos a um consenso, mesmo que isso signifique estabelecer regras e discuti-las novamente mais tarde, se necessário.

124

Neste grupo, no início, pedi a todos uma palavra ou um valor para a forma como íamos fazer o curso [Florent Pasquier se refere à formação realizada antes da entrevista]. Houve “escuta”, “respeito”, “não interromper”, “aceitar as diferenças”, “ser curioso” etc. Foi por isso que reafirmei essas palavras no final, no momento da avaliação, para dizer que nos mantemos nesse espírito. Eu disse que podemos fazer evoluir as regras, mas para isso discutimos, explicamos. Impor coisas a todos não funciona. Então, no próximo curso, talvez os alunos digam “não, não, não estamos completamente de acordo”. E o projeto escolar atual baseia-se neste modelo: imponho um modelo único, a forma escolar,¹³ os programas curriculares, e é tudo a mesma coisa, a mesma coisa ao mesmo tempo, se nasceu no mesmo ano. Portanto, felizmente, além disso, temos agora a *Socle Commun de Compétences, Connaissances et Culture* [Base Comum de Competências, Conhecimentos e Cultura]. Os programas são o conteúdo, o conhecimento e o saber-fazer; já a base comum é o saber-ser e o saber se tornar. A boa articulação entre os dois e a dinâmica constituem o que dá vida e torna possível falar sobre essas questões e tentar encontrar respostas em conjunto.

Gabriela Valente – Ok. Há quanto tempo trabalha com esse tema?

Florent Pasquier – Só o faço profissionalmente, no meu ensino, há sete ou oito anos.
E foi graças à educação popular que conheci essa forma de trabalhar. Foi por

¹³ Conceito de Guy Vincent (1994).

volta de 2014, mais ou menos, ao abandonar o quadro acadêmico e entrar na educação popular, que envolve processos de ensino entre pessoas do lado de fora da escola. A articulação entre saber-fazer e saber-ser são níveis da realidade. E consegui compreender e fazer isso no dia em que estabeleci a ligação entre o meu desenvolvimento profissional, o meu ensino e o meu envolvimento nas comunidades, incluindo a educação popular, e, também, entre a política, o sindicato e o meu desenvolvimento pessoal. Na minha vida, antes, existiam três esferas diferentes de atividade: desenvolvimento pessoal, desenvolvimento profissional e desenvolvimento coletivo. Ao fazer essa ligação entre os três, percebi que o espírito estava no meio e eu poderia falar da vida do espírito, assim como, evidentemente, do desenvolvimento pessoal – por que não? –, se eu respeitasse o quadro de laicidade, igualmente em minha atividade profissional e em atividades coletivas. Foi nessa época, há seis ou sete anos, que eu realmente...

Gabriela Valente – Você já era *maître de conférences* [professor titular] nessa época?

Florent Pasquier – Sim, eu passei no concurso em 1998. No início, quando comecei o trabalho sobre espiritualidade, por volta de 2014, foi muito difícil com os colegas que não o aceitaram. Agora, ao explicá-lo, ao torná-lo explícito, está ficando cada vez melhor, e, aos colegas que vão começar, eu diria: “sejam extremamente prudentes”. A instituição está evoluindo, mas ainda não está preparada para aceitar completamente [a pesquisa científica sobre espiritualidade e educação]. No início, eu trabalhava com tecnologia educacional. A minha especialidade é tecnologias de informação e comunicação para a educação, multimídia e robótica.

Tive uma depressão, um *burnout*, como todos os professores que estão demasiado sobrecarregados e não se distanciam o suficiente [do trabalho]. Foi aí que descobri a educação popular. Após alguns anos de prática, disse a mim mesmo: bem, posso fazer as coisas de forma diferente e ainda fazer a mesma coisa. E é por isso que é a vida da mente. É realmente o espírito que governa o caminho [inclusive o profissional e o científico]. É preciso aceitar aqueles que não concordam com você, evoluir, porque quando se luta, reforça-se a oposição. É uma lei espiritual – e é mesmo uma lei asiática – na qual se põe a consciência, aí está o ponto. Assim, se você coloca a sua consciência na luta, viverá sempre da luta. Se você coloca a sua consciência na evolução e transformação, poderá criar as condições para que ela comece a evoluir e a transformar-se. Por isso, faça o meu trabalho. Se eu tiver oposições, é como Tai Chi, primeiro dizer sim, aceitar sempre a situação. Não se pode fazer outra coisa que não seja aceitá-la; do contrário, entra-se numa fantasia.

Gabriela Valente – Abordamos a dimensão política da religião a partir da laicidade. Qual seria a relação entre espiritualidade e política?

Florent Pasquier – É muito interessante voltar à etimologia das palavras. A política, se se tomar a raiz grega, *polis*, é a vida da cidade para os gregos. Portanto, a política é a vida da cidade. Então, qual é o espírito? Uma intenção com a qual se vai governar a cidade, ou seja, o projeto. Logo, o que me interessa são estas três palavras: sabendo que o *projeto* corresponde a uma intenção, então, fala-se de *espiritualidade* e *política*. Quem fala primeiro? É o espiritual e ele precisa de uma política para ser encarnado ou é a política que mobiliza o espiritual para se legitimar, por exemplo, ou para conduzir a ações que estão fora dos valores humanistas? Se eu mantiver isso como um padrão de pensamento, para mim, é óbvio que o espiritual deve ter precedência sobre o político, o que não significa que o político não deva assumir o espiritual. Porém, se o fizer: qual é a sua intenção e qual é o seu projeto? O verdadeiro projeto não é aquele que você vai escrever ou exhibir, porque há sempre diferenças entre as dimensões política e espiritual. Portanto, sim, tem de haver ligações entre elas e as diferenças têm de ser explicadas e discutidas.

Gabriela Valente – Certo. Na França, é muito claro: fraternidade, liberdade e igualdade. Mas, no Brasil, tenho dificuldade em identificar quais seriam nossos valores.

Florent Pasquier – Ah, sim. Porque... é prosperidade, não? Começa com o lema na bandeira.

126

Gabriela Valente – Ordem e progresso.

Florent Pasquier – Sim. Bem, por que não a ordem? O universo é ordeiro. A vida responde a padrões de ordem, mas é uma ordem em evolução, não é uma ordem fixa. Quando pensamos em ordem, pensamos em quartéis militares. Não, não! A ordem são as coisas no seu lugar e depois a dinâmica que as acompanha, e isso é o progresso. O progresso é a dinâmica da ordem. Mas qual é o projeto dessa dinâmica de ordem e o progresso da ordem? Se for Bolsonaro, estou muito menos interessado do que se for Lula, por exemplo, porque o primeiro está a serviço de uma oligarquia financeira e econômica e o segundo é mais inclinado aos famosos valores humanistas.

Não sou especialista suficiente nessa incrível diversidade que compõe a população brasileira, mas penso que podemos procurar as chaves, as noções importantes que nos permitirão construir e desconstruir projetos, atenções, intenções etc. Estou convencido de que estamos realmente numa lógica complementar, a lógica de "tudo tem uma razão de ser". Tudo é útil num momento ou noutro. E cabe a mim encontrar o que é mais útil para mim e para os outros, onde eu estou. Para isso, temos uma infinidade de ações possíveis, o que é ótimo. Se o compreendermos com esse estado de espírito, será ótimo. Por outro lado, a partir do momento em que é dito que existe uma

prática espiritual melhor do que todas as outras e que esta deve ser promovida e não as outras, cai-se exatamente no oposto do que se quer.

Gabriela Valente – Certo. E o papel do ensino, das instituições públicas e da escola seria o de tornar conhecidas as diferentes experiências espirituais?

Florent Pasquier – Isso. Voltamos ao que você disse anteriormente. Como podemos concretamente integrar o espiritual na escola? Bem, tornando-o conhecido. Pode ser em aulas de Antropologia e de História, aulas sobre sociedades e convivência. Assim podemos conhecer todos os movimentos, mas nunca chegaremos à profundidade necessária. Em seguida, é preciso explicar por que este movimento e não aquele etc., mas, ainda podemos criar uma base mínima comum. Para mim, parece ser muito mais interessante entrar num estado de relacionamento e de prática pedagógica com os alunos, no qual se dá realmente um projeto educativo.

Voltemos à liberdade, à igualdade e à fraternidade, porque, por ora, esse é o cimento que está se rachando por todo o lado, mas continua a ser o cimento. Com relação à liberdade de ensino, os alunos escolhem as disciplinas, o que querem fazer. Quanto à igualdade, todos têm uma palavra a dizer, não é apenas aquele que fala mais alto ou que é o mais forte fisicamente. No tocante à fraternidade, precisamos de um estado de espírito de cooperação, em vez de competição etc. E o que acabo de definir, o que é? Bem, são escolas alternativas. Você sabe que, na França, uma escola alternativa é criada a cada três dias? Há um *site* chamado “escola diferente” ou “escola alternativa”, que explica como montar a sua própria escola e as enumera.¹⁴ Geralmente, são escolas bem-sucedidas ou que quebram após três ou quatro anos, porque não têm apoio financeiro e são muito caras. E todas essas escolas alternativas trabalham com base nos seus valores, nos quais o espiritual pode encontrar 100% do seu lugar.

127

Gabriela Valente – Não é necessariamente Montessori, Freinet...

Florent Pasquier – Não necessariamente, mas é preciso saber que Montessori era uma mulher profundamente religiosa, que tinha uma visão cristã e cósmica da criança. Steiner também. Assim, ele tem o seu próprio sistema, a Antroposofia, que é completo, complexo e tem a vantagem de abordar a relação entre o homem e a natureza.

Gabriela Valente – Então, poderíamos dizer que existem materiais pedagógicos que irão apoiar ou favorecer espiritualidades, experiências espirituais?

¹⁴ Associação fundada por Anne Coffinier, em 2005 (Créer son École, [2022]).

Florent Pasquier – É isso mesmo.

Gabriela Valente – Como podemos pensar a formação de professores para uma educação que tenha em conta a espiritualidade? Ou seja, qual seria o ideal da formação de professores?

Florent Pasquier – O ideal da formação de professores seria começar por refletir sobre o projeto, a intenção da educação: ela está a serviço de quê? Da pátria? Da religião? Da economia? Das finanças? Do humano? Depois, perguntar: existe um lugar para a vida do espírito (da espiritualidade) nesse paradigma? Se sim, qual? Em suma, a formação de professores deveria proporcionar um espaço e um tempo para colocar essas questões, coletivamente, nos cursos, o que permitiria também introduzir, por exemplo, a questão da dimensão terapêutica dos professores (e a sua dimensão afetiva).

Gabriela Valente – Certo. Você pensa que a sociedade evoluiu para essa abertura?

Florent Pasquier – A opinião pública está evoluindo. Isso é certo. As pessoas estão cansadas de estresse, de *burnout*, de exames, de tensão, de crises e desse modelo [de sociedade] extremamente fechado e dominante. As pessoas só precisam respirar.

128

Gabriela Valente – Certo. Na verdade, é um contraprocessos de secularização, poderíamos dizer isso?

Florent Pasquier – Ah, isso é interessante. Sim.

Gabriela Valente – Poderíamos dizer que há um reencantamento da sociedade?

Florent Pasquier – Sim, muitas pessoas falam do reencantamento do mundo. São conceitos que se encontram nos escritos de filósofos e pensadores,¹⁵ então, eu teria o maior prazer em contribuir para que a sociedade evolua nesse sentido, no do reencantamento, para trazer vida, movimento, mas de uma forma consciente e com um projeto coletivo que seria benéfico para todos.

Gabriela Valente – Você possui uma crença?

Florent Pasquier – Se eu tivesse uma crença, acreditaria antes no homem do que em Deus (risos). Não tenho uma crença, porque tenho uma abordagem pragmática. Para mim, o que conta é a realidade dos fatos, a forma como consigo compreendê-los. Eu tenho ideais, utopias. A utopia é apenas o futuro que ainda não aconteceu. Ela não é o que é impossível de fazer. A utopia é o

¹⁵ Weber (1992), Gauchet (1985), Stiegler (2008), Maffesoli (2007).

meu objetivo e ainda não está aqui. Assim, conduzo o meu trabalho para o que parece utópico e, mais tarde, pode tornar-se realidade, mas já o estou vivendo agora, graças à liberdade acadêmica e à liberdade pedagógica.

Essas são ferramentas extremamente poderosas, mas ao mesmo tempo extremamente restritas. A liberdade permite fazer o que você quiser. Philippe Meirieu¹⁶ diz que “não há liberdade sem responsabilidade”, e isso é bom. Devemos sempre pensar em termos de uma dupla articulação. Porém, não se trata de um duelo com uma arma: é Yin e Yang, é outra civilização, e isso é ótimo. Está tudo aí, mas não sabemos como ver ou entender os símbolos, os mitos, as lendas etc. Tudo já está aqui para nos ajudar. E esse é o nosso caminho de consciência, de compreensão e de diálogo.

Por isso, insisto sempre no diálogo, em particular no diálogo intercultural, para ver o mundo na sua riqueza, na sua variedade. A beleza, a gratidão, o amor e o respeito podem ser os quatro pilares da educação, que é o que estou tentando mostrar aqui. Vemos a complexa dimensão educacional e política. E temos que levar em conta toda a complexidade humana e fazê-lo em harmonia com o respeito e a gratidão, o amor e a beleza. Mas pode ser algo mais. Em todo caso, isso é o que eu chamo de valores humanistas.

Referências bibliográficas

- BIDAR, A. *Génie de la France: le vrai sens de la laïcité*. Paris: Albin Michel, 2021.
- BRIANÇON, M.; PASQUIER, F.; HAGÈGE, H. (Coord.). Éducation (s) et spiritualité(s): conceptualisation, problématisation, applications – varia. *Éducation et Socialisation*, Montpellier, n. 56, 2020. Disponible à: <https://journals.openedition.org/edso/9362>. Accès à: 10 juin 2022.
- CRÉER SON ÉCOLE [site]. [2022]. Disponible à: <https://www.creer-son-ecole.com>. Accès à: 20 juil. 2022.
- FRANCE. Ministère de l'Éducation. *Charte de la laïcité à l'école: la Nation confie à l'école la mission de faire partager aux élèves les valeurs de la République*. Paris, 2013. Disponible à: <https://www.education.gouv.fr/sites/default/files/2020-02/charte-de-la-la-cit-simplifi-e-43562.pdf>. Accès à: 29 août 2022.
- GAUCHET, M. *Le désenchantement du monde: une histoire politique de la religion*. Paris: Gallimard, 1985.
- MAFFESOLI, M. *Le réenchantement du monde*. Paris: La Table Ronde, 2007.
- MARSOLLIER, C. *L'éthique à l'école: quels enjeux? Quels défis?* Blois, France: Berger Levrault, 2020.

¹⁶ Meirieu (2007).

MARSOLLIER, C. *Enseigne avec ton cœur: 90 + 1 propositions pour une relation pédagogique humaniste*. Lyon, France: Chronique Sociale, 2021.

MATTEL, B.; BUFFETEAU, G.; VALABREGUE, A.; DHERS, J.; PASQUIER, F. *Réinvestir l'humain: individus, collectifs, sociétés*. Lyon, France: Chronique Sociale, 2017.

MEIRIEU, P. *Pédagogie: le devoir de résister*. Paris: ESF, 2007.

OVIEDO FREIRE, A. *El buen vivir y la rebelion de los excluidos: la izquierda y su salto al abismo*. Quito, Ecuador: Independently Published, 2019.

PASQUIER, F. L'éducation spirituelle ou l'autre de la pédagogie. In: PASQUIER, F. *Spiritualité et éducation*. Paris, 2016a. Disponible à: <http://spiritualiteducation.blogspot.com/2016/04/leducation-spirituelle-ou-lautre-de-la.html>. Accès à: 10 juin 2022.

PASQUIER, F. Quelle place pour le(s) domaine(s) de "la spiritualité" dans les curricula et comme objet de recherche en sciences de l'éducation? In: AREF 2016: Congrès International d'Actualité de la Recherche en Éducation et en Formation. *A quelles questions cherchons-nous réponse?*. Belgique. 2016b. Disponible à: <https://aref2016.sciencesconf.org/96259/96259.pdf>. Accès à: 5 juil. 2022.

PASQUIER, F. *Spiritualité et éducation*. [blog]. Paris, 2016c. Disponible à: <http://spiritualiteducation.blogspot.com>. Accès à: 10 juin 2022.

130

STIEGLER, B. *Réenchanger le monde: la valeur esprit contre le populisme industriel*. Paris: Flammarion, 2008.

VINCENT, G. *L'éducation prisonnière de la forme scolaire?* Lyon, France: Presses Universitaires de Lyon, 1994.

WEBER, M. *Essais de sociologie des religions*. Traduit de l'allemand et présenté par Jean-Pierre Grossein. [S.l.]: A Die, 1992. v. 1.

WEIL, P. *L'homme sans frontières: les états modifiés de conscience*. Paris: L'Espace Bleu, 2002.

Florent Pasquier é *maître de conférences* (professor titular) do Institut Nacional Superior du Professorat et de l'Éducation (Inspe) e da Université Paris-Sorbonne, onde integra o programa de pós-graduação.

florent.pasquier@gmail.com

Gabriela Valente, doutora em Educação pela Universidade de São Paulo (USP) e pela Université Lumière Lyon 2, é professora do Departement de Sciences de l'Éducation et de la Formation da Université Toulouse Jean Jaurès.

gabriela.abuhab.valente@gmail.com

Recebido em 16 de abril de 2022

Aprovado em 8 de agosto de 2022